



A Santa Sé

SANTA MISSA PARA A PROCLAMAÇÃO DE CINCO NOVOS BEATOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 23 de Maio de 1982

1. "E nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele" (1 Jo 4, 16).

Estas palavras do Apóstolo João, Caros Irmãos e Irmãs, encontram aqui ulterior e luminosa confirmação na figura dos cinco novos Beatos, que nós contemplamos na glória de Deus e são demonstração autêntica do amor mesmo de Deus por nós. Trata-se de três mulheres e de dois homens. Uma viveu no século XVI num Convento da Espanha: Maria Angela Astroch; os outros viveram principalmente no século passado; Maria-Anne Rivier, Petrus Donders, Marie-Rose Durocher; e por fim, um é quase nosso contemporâneo: André Bessette. Neles, como escreve ainda o Apóstolo João, o amor de Deus atingiu a sua perfeição (cf. *ibid.* 4, 12) e no Céu eles conhecem aquela "plenitude da alegria" prometida por Cristo na sua oração sacerdotal (cf. Jo 17, 13).

Nestes homens e nestas mulheres, por cujo testemunho já foram impressionados os seus contemporâneos, vimos um verdadeiro reflexo do amor que forma a riqueza incomparável de Deus, no interior da vida trinitária que se manifestou no dom do Filho unigénito pela salvação do mundo, particularmente no seu sacrifício redentor (cf. Jo 3, 16).

Este amor é multiplicado e quase aceso pelo Espírito Santo, como um fogo, no coração de homens e de mulheres como nós, humildes e pobres, mas plenamente "fiéis ao seu nome". O Espírito Santo torna-os confiantes em Deus, mas também verdadeiramente corajosos para, com coerência constante, irem ao encontro dos pobres, dos doentes, dos jovens necessitados da educação, das almas abandonadas. É verdade que "ninguém jamais viu a Deus" (1 Jo 4, 12); mas o sinal mais eficaz e revelador da sua presença entre os homens é precisamente o amor, tal

como é praticado sem reservas pelos seus melhores fiéis (cf. *ibid.* 4, 20). Os contemporâneos dos novos Beatos foram atingidos pelos seus frutos de santidade. E hoje a Igreja reconhece solenemente que estes Beatos têm "a sua morada em Deus" e propõe-os como exemplos à meditação e à vida concreta de todos os Baptizados, que encontram neles um novo ponto de referência para o próprio testemunho cristão.

2. *Petrus Donders*, nascido no início do século passado nos Países Baixos, passou grande parte da sua vida em Surinão, onde anunciou o Evangelho aos escravos, aos negros e aos índios.

É conhecido sobretudo pela cura espiritual e corporal dos leprosos, de modo a ser chamado, com razão, o apóstolo dos leprosos.

Podemos dizer que foi um apóstolo dos pobres. De facto nasceu numa família pobre e teve de levar vida de operário antes de poder seguir a sua vocação sacerdotal. Consagrou toda a sua vida de sacerdote aos pobres.

Ele é também um convite e um estímulo à renovação e ao reflorescimento do impulso missionário que, no século passado e neste século, deu um contributo excepcional à realização do dever missionário da Igreja. Tendo-se associado, em idade mais avançada, a Congregação do Santíssimo Redentor, praticou de modo excelente o que Santo Afonso propôs como ideal dos seus religiosos: imitar as virtudes e os exemplos do Redentor, anunciando aos pobres a Palavra Divina. Ele mostrou, através da sua vida; que o anúncio da Boa Nova da redenção, da libertação do pecado, deve encontrar sustento e confirmação numa autêntica vida evangéica, de concreto amor do próximo, sobretudo para com os mais pequenos irmãos em Cristo.

3. A segunda figura que a Igreja quer hoje elevar à glória dos altares e propor à imitação do povo fiel é a de *Maria Angela Astorch*, novo exemplo de santidade amadurecida em terras de Espanha.

Pertence à família das religiosas Clarissas Capuchinhas.

Nas sucessivas etapas como simples religiosa, jovem mestra de noviças, responsável da formação das professoras e abadessa, deixa em redor, em Barcelona, Saragoça, Sevilha e Murcia, uma esteira admirável de fidelidade à sua própria consagração e de amor à Igreja.

A sua inteligência não comum sabe apoiar-se na solidez da palavra revelada e dos escritores eclesiásticos, que estuda e conhece em profundidade. Isto leva-a a um firme conhecimento teórico e prático dos caminhos da espiritualidade, que vive em íntima união com a Igreja, sobretudo através da liturgia, dos textos sagrados e do ofício divino. Até ao ponto de podermos indicá-la como a mística do breviário.

Nas suas tarefas de formadora emprega "o nobre estilo" que Deus usa com ela mesma. Sabe,

por isso, respeitar a individualidade de cada pessoa, ajudando-a ao mesmo tempo a "caminhar ao passo de Deus", que é diferente em cada um. Assim a profunda compreensão não se torna tolerância inerte.

Maria Angela Astorch é pois uma figura digna de ser vista hoje atentamente. Para que nos ensine a respeitar os caminhos do homem, abrindo-os aos caminhos de Deus.

4. Observamos agora a *Beata Marie Rivier* que Pio IX já denominava a "mulher-apóstolo". é, de facto, *o ardor do seu apostolado* que surpreende todos os seus contemporâneos, durante e depois da Revolução francesa. Apaixonada desde a infância da ideia de instruir crianças, de as ensinar, como uma "pequena mãe", e amar a Deus, ela funda muito mais tarde as Irmãs da Apresentação, especialmente para educar a juventude a viver na fé, privilegiando as pobres, as órfãs, as abandonadas ou que desconhecem Deus. Não só reúne as jovens, mas quer "formar boas mães de família", convicta do papel evangelizador das famílias e da importância da iniciação religiosa desde a primeira infância: "A vida está inteiramente nas primeiras impressões!", dizia ela. Pôde ser considerada como uma "ceifeira de inumeráveis almas". E para isto não poupava meio algum: numerosas escolas de aldeia, missões, retiros que ela própria pregava, assembleias do domingo...

Qual era pois *o segredo do zelo* de Marie Rivier? Fica-se impressionado com a sua audácia, a sua tenacidade, a sua alegria comunicativa, a sua coragem "disposta a preencher mil vidas". Muitas dificuldades, dada a sua natureza, poderiam todavia tê-la desencorajada: a enfermidade da sua infância até à cura no dia dedicado à Virgem, uma ausência de crescimento físico, uma saúde sempre abalada durante os setenta anos da sua vida, a miséria da ignorância religiosa que a circundava. Mas a sua vida mostra bem a força da fé numa alma simples e recta, que se entrega inteiramente à graça do seu baptismo. Conta a fundo com Deus, que a purifica mediante a cruz. Implora intensamente Maria e, com ela, apresenta-se diante de Deus em estado de adoração e de oferenda. A sua espiritualidade é solidamente teologal e claramente apostólica: "A nossa vocação, é Jesus Cristo"; é necessário encher-se do seu espírito, para fazer chegar o seu reino, especialmente à alma dos jovens.

5. Além-Atlântico, no Canadá, encontramos outra figura muito apostólica na Beata *Marie-Rose Durocher*. Nasceu numa família numerosa e fértil em almas consagradas. Procurando a sua própria vocação na Igreja e não podendo entrar, devido à sua falta de saúde, nas duas únicas congregações femininas então existentes em Quebeque, serve durante 13 anos no presbitério do seu irmão — dir-se-ia hoje como "auxiliar do sacerdote" —, preocupando-se não só com o arranjo da casa, mas em acolher os sacerdotes e seminaristas doentes, em dirigir as obras de caridade da paróquia e estimular a piedade mariana das jovens. É então, a pedido do Bispo de Monreal, com o encorajamento dos Padres Oblatos de Maria Imaculada e seguindo o exemplo dos Irmãos das Escolas cristãs, que ela funda uma nova congregação para responder às necessidades da instrução e da *educação religiosa das jovens*, de modo especial nos meios pobres das

localidades vizinhas a Monreal: as Irmãs dos Santos Nomes de Jesus e Maria. Durante os últimos seis anos da sua breve existência, lançou suficientemente a sua obra que floresce hoje em seis países.

Que espírito presidiu então a tal apostolado, tão bem conjugado com as necessidades da Igreja no momento do "renascimento católico" no Canadá, no início do século passado? Sobretudo a *disponibilidade total* a seguir os compromissos que lhe pedia a sua fé em Jesus, o seu amor pela Igreja, o cuidado dos mais desamparados. São, por outro lado, os responsáveis da Igreja a descobrir as suas capacidades e a confiar-lhe a sua missão: o apostolado autêntico, hoje como ontem, não é só questão de carisma pessoal, mas de apelo da Igreja e de inserção na sua pastoral. Marie-Rose Durocher agiu com simplicidade, com prudência, com humildade, com serenidade. Não se deixou desmorecer com os seus problemas pessoais de saúde nem com as primeiras dificuldades da obra nascente. O seu segredo residia na oração e *no esquecimento de si mesma* que alcançava, segundo o parecer do seu Bispo, uma verdadeira santidade.

6. Por fim, sem deixar o Canadá, veneramos também o Beato Irmão *André Bessette*, homem de oração e amigo dos pobres; mas de um estilo muito diferente; a bem dizer, extraordinário.

A obra de toda a sua vida — a sua longa vida de 91 anos — é a de *um servidor do povo humilde: "Pauper, servus et humilis"*, como foi escrito sobre o seu túmulo. Trabalhador manual até aos vinte e cinco anos, no campo, na oficina, na fábrica, entra depois para os Irmãos da Santa Cruz, que lhe confiam, durante quase quarenta anos, o serviço de porteiro no seu colégio de Monreal; e por fim, durante quase trinta anos, é guardião do Oratório de São José nas proximidades do Colégio.

De onde lhe vem pois a sua extraordinária irradiação, a sua popularidade entre milhões de pessoas? Uma quotidiana multidão de doentes, de aflitos, de pobres de todas as espécies, de deficientes ou dos que são feridos pela vida encontravam junto dele, no parlatório do colégio, no Oratório, acolhimento, escuta, reconforto e fé em Deus, confiança na intercessão de São José, em resumo, *o caminho da oração e dos sacramentos*, e com isto *a esperança* e com muita frequência o refrigério manifesto do corpo e da alma. Os "pobres" de hoje não teriam igualmente necessidade de tal amor, de tal esperança, de tal educação para a oração?

Mas o que é que dava a capacidade ao Irmão André? Deus dotou de abundante atracção e de "poder" maravilhoso este homem simples, que, pessoalmente, tinha conhecido a miséria de ser órfão ao lado de 12 irmãos e irmãs, tinha ficado sem meios, sem instrução, com saúde precária, em breve, desprovido de tudo, salvo de uma grande confiança em Deus. Não é para admirar que ele se tenha sentido muito próximo da vida de São José, o Operário pobre e exilado, tão íntimo do Salvador, que o Canadá e de modo especial a Congregação da Santa Cruz sempre honraram muito. O Irmão André teve que suportar a incompreensão e o escárnio devido ao sucesso do seu apostolado. Mas mantinha-se simples e jovial. Recorrendo a São José e diante do Santo

Sacramento, ele próprio dizia, longamente e com fervor, em nome dos doentes, a oração que lhes ensinava. A sua confiança *na virtude da oração* não é uma das indicações mais valiosas para os homens e as mulheres do nosso tempo, tentados a resolver os problemas abstendo-se de Deus?

7. Enquanto recebemos deste modo a mensagem de cada um destes bem-aventurados, quais são os sentimentos que animam a nossa oração?

Primeiramente uma profunda acção de graças ao Senhor, como cantamos no salmo: "Bendiz, ó minha alma o Senhor... Porque, quanto os céus se elevam acima da terra, tanto Sua misericórdia prevalece para com os que O temem" (Sl 102, 2, 11). É Ele; a fonte deste amor forte que nos permite contemplar nos nossos antepassados. Beneficiamos das obras deles que deixaram um vestígio que ainda dura. Beneficiamos do exemplo deles, que a Igreja propõe hoje oficialmente. Beneficiamos da intercessão deles: beatificando-os, a Igreja diz-nos que eles podem ser invocados e implorados nas Igrejas particulares, porque ela está certa que eles participam já da felicidade eterna, junto de Cristo levantado a direita do Pai.

Este dia de acção de graças, de alegria e de orgulho para a Igreja, é-o particularmente para os quatro países cuja fé generosa pôde preparar cristãos, sacerdotes, missionários, religiosos e religiosas desta têmpera: os Países Baixos, a Espanha, a França e o Canadá, cujas delegações oficiais e diocesanas me é grato saudar. Dia de festa também para as cinco famílias religiosas tão honradas por estes bem-aventurados que foram seus membros ou as fundaram.

Oxalá todos possamos experimentar ao mesmo tempo uma grande esperança! Tal como na origem, os Apóstolos souberam encontrar em Matias uma testemunha da Ressurreição, assim também, em cada época, o Espírito Santo suscita, mesmo — e talvez sobretudo — entre aqueles que são considerados fracos, pequenos, pobres, às vezes deficientes e doentes, em todo o caso humildes, testemunhas decisivas do Evangelho, que respondem às necessidades espirituais do seu tempo, com uma intuição segura, uma simplicidade desarmante, uma audácia a toda a prova, e uma profunda adesão à Igreja que reconheceu a autenticidade do carisma e da missão deles.

Intercedam por nós estes bem-aventurados! Iluminem o nosso caminho! Obtenham-nos a esperança e a audácia das testemunhas do Amor de Deus! Para que o mundo reconheça este Amor entre nós e aspire à sua plenitude!

Amém! Aleluia!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana